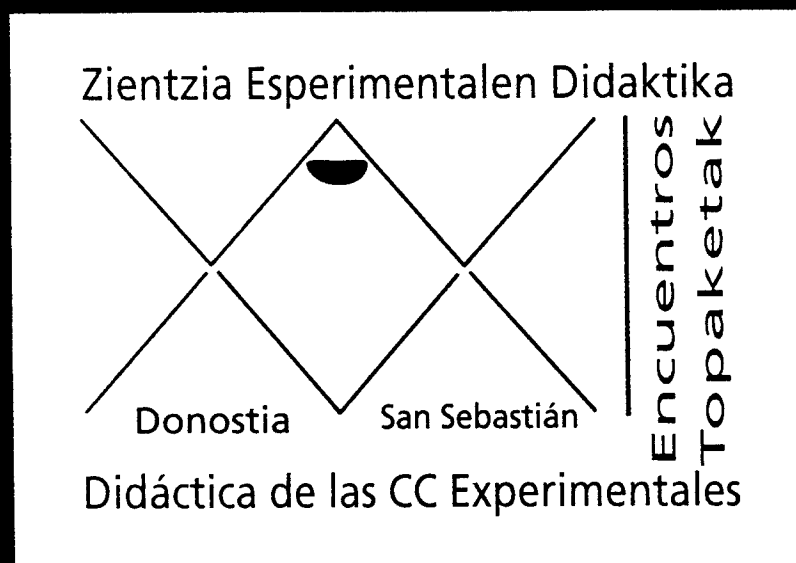


XXI

Encuentros sobre Didáctica de Ciencias Experimentales



La Didáctica de las
Ciencias Experimentales
ante las Reformas
Educativas y la
Convergencia Europea

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA PREVENÇÃO DO TABAGISMO

Manuel Macedo; Hospital de S. Marcos; Braga

José Precioso: Instituto de Educação e Psicologia; Universidade do Minho; Campus de Gualtar; Braga; precioso@iep.uminho.pt

1. Introdução

A Organização Mundial de Saúde continua a considerar o consumo de tabaco como a mais importante causa isolada de morbidade e mortalidade no mundo ocidental. Não obstante a gravidade e a elevada incidência e prevalência do tabagismo vários autores consideram a epidemia tabágica um problema de saúde pública vulnerável, como foram outros problemas de saúde no passado (Mendoza, 1999).

O controlo da epidemia passa pela adopção de um vasto conjunto de medidas de prevenção e tratamento do tabagismo. Para se tomarem medidas de prevenção do consumo de tabaco eficazes, é necessário conhecer em detalhe quando e porque se começa a fumar.

Embora os estudos revelem que nos países desenvolvidos a maioria dos fumadores começa a fumar antes dos 18 anos, os estudos epidemiológicos realizados em Portugal evidenciam que o consumo regular de tabaco ocorre mais tardiamente. Os dados do Inquérito Nacional de Saúde efectuado em Portugal em 1995 mostraram que em Portugal, 39% dos fumadores iniciaram o hábito de fumar entre os 18 e os 24 anos (DEPS, 1997; Nunes, 2002). Também um estudo efectuado numa amostra de 227 professores na cidade do Porto mostrou que 27% dos professores fumadores começaram a fumar já como profissionais (Brandão, 2002). Os dados do Inquérito Nacional de Saúde de 1999, mostram também um notório aumento da prevalência na faixa etária dos 24-34 anos e dos 35-45 em ambos os sexos, relativamente a idades mais precoces o que revela que muitos fumadores começaram a fumar já depois da idade adulta.

Estes factos levantam o problema de saber se os estudantes universitários portugueses também começam a fumar mais tardiamente e se a transição do ensino secundário para a universidade favorece o consumo regular de cigarros pelos alunos universitários.

2. Objectivos do estudo

Determinar a fase da vida escolar em que os alunos começaram a fumar regularmente

Determinar os factores de risco associados ao consumo de tabaco

Propor vias para prevenir e tratar o tabagismo na população estudantil universitária.

3. Metodologia

No final do ano lectivo de 2001/2002 realizou-se na Universidade do Minho um estudo do tipo sondagem, que consistiu na aplicação de um questionário, a uma amostra estratificada constituída por 388 alunos, do 1, 2º, 3º e 4º anos dos cursos de Ensino de Biologia e Geologia, Ensino de Matemática, Direito e Educação. Os cursos foram seleccionados de forma aleatória.

O questionário foi preparado para medir os hábitos tabágicos, o nível de ensino em que teve início o consumo regular, alguns factores relacionados com o consumo, especialmente a percepção dos riscos de fumar.

Os dados recolhidos foram introduzidos e tratados numa folha do programa *Statview*. Para determinar o padrão de consumo de tabaco foram feitas distribuições de frequência. Para se conhecer melhor a etio-
logia do consumo de tabaco nos jovens da amostra (ou seja os factores associados ao consumo), estabeleceram-se associações de variáveis tendo-se recorrido-se ao χ^2 por se tratar de variáveis de categoria. Foi ainda feita uma análise de conteúdo da questão "Descreva de forma sucinta as razões que o(a) levaram a tornar-se fumador(a) diário.

4. Resultados

Pelos dados expressos na tabela 1 verificou-se que 22% dos alunos começaram a fumar no 3º ciclo do ensino básico (idade 11-14), 49% no ensino secundário (15-18) e 29% na Universidade. Os rapazes começaram a fumar mais precocemente do que as raparigas. 32% dos rapazes começaram a fumar no ensino básico, 50% no ensino secundário e 18% na Universidade, enquanto no que diz respeito às raparigas 17% começaram a fumar no ensino básico, 50% no ensino secundário e 33% na Universidade.

Estes dados mostram que uma percentagem elevada de estudantes

(particularmente de raparigas) começa a fumar regularmente na Universidade, ou seja na fase de jovens adultos o que contraria a convicção expressa por muitos autores de que se os alunos não começarem a fumar até ao fim da adolescência dificilmente virão a fumar. Esse facto é particularmente visível e preocupante nas mulheres.

Tabela 1

Distribuição de frequências do nível de ensino em que os alunos que fumam começaram a fumar em função do sexo

(N=69)

		Início do consumo de tabaco					
		7, 8º ou 9º ano		10, 11 ou 12º ano		Universidade	
Sexo	n	%	f	%	f	%	f
Rapaz	22	31	(7)	50	(11)	18	(4)
Rapariga	47	17	(8)	49	(23)	34	(16)
Total	69	22	(15)	49	(34)	29	(20)

Porque começaram a fumar?

Uma análise de conteúdo da questão "Descreva de forma sucinta as razões que o(a) levaram a tornar-se fumador(a) diário." revela que a maioria dos alunos que começaram a fumar no ensino básico e no ensino secundário fizeram-no por curiosidade, desejo de experimentar e ainda porque foram incentivados pelos amigos. Muitos experimentaram, gostaram da sensação e continuaram a fumar tendo em seguida ficado dependentes.

A maioria dos alunos que começaram a fumar na Universidade fizeram-no sobretudo por influência dos amigos, pelo facto de saírem à noite e ser normal fumar em muitos locais de diversão nocturna e porque acharam que fumar seria uma forma de aliviar o stress. Muitos começaram a fumar por curiosidade e depois continuaram a fumar porque lhes dava prazer.

5. Conclusões/discussão

Embora a maioria dos estudantes universitários tenha começado a fumar regularmente no ensino básico ou secundário (o que implica a necessidade das escolas básicas e secundárias aplicarem programas de

prevenção do tabagismo mais eficazes, conforme advogam Becoña, Palomares e García, 1994; Becoña, 1999 e Becona, 2003; Nutbeam, Mendoza e Newman, 1988) uma percentagem bastante elevada de alunos começa a fumar na Universidade. Consta-se ainda que a percentagem de alunas fumadoras que começou a fumar na Universidade é bastante elevada (cerca de 33%) e superior à de alunos. Este facto explica o aumento da prevalência do tabagismo no sexo feminino em Portugal, nas faixas etárias dos 18-24 anos (bem patente nos Inquéritos Nacionais de Saúde de 1997 e 1999). Podemos admitir que a transição do ensino básico para o ensino superior é um factor de risco associado com o consumo de tabaco. Isto pode explicar-se pelo facto de muitos estudantes começarem a estabelecer relações com pessoas normalmente da sua idade (convivialidade endogeracional) com hábitos muitas vezes diferentes dos que possuíam que podem incluir: fumar, beber, consumir drogas ilícitas, terem comportamentos sexuais de risco, etc., Por outro lado têm mais facilidade para frequentar locais de lazer, como cafés, bares e discotecas em que fumar é habitual. Estes podem ser factores sociais e ambientais que poderão levar a que muitos estudantes que até determinado momento da sua vida académica não fumaram comecem a fazê-lo. A influência destes factores faz-se sentir com particular intensidade nos estudantes que ao ingressarem na Universidade ficam fora do ambiente familiar o que faz com que fiquem sujeitos de forma mais intensa a novas influências e a uma diminuição do controlo e a influência da família. A transição do meio social em que se desenrolou o ensino secundário para o meio académico pode funcionar como um factor de risco para muitos alunos universitários que não são fumadores e que podem vir a fumar. Este fenómeno parece particularmente evidente para as raparigas. Conforme é sabido o consumo de tabaco pelas raparigas sobretudo no meio rural é (ainda) um comportamento socialmente pouco aceitável o que faz com que de uma forma geral o fumo nas adolescentes seja menor que nos rapazes (as estatísticas mostram que a prevalência do consumo de tabaco em raparigas do meio rural é muito inferior à das raparigas do meio urbano).

O facto de muitas raparigas começarem a fumar na Universidade é particularmente preocupante, uma vez que é suposto que muitas jovens adultas venham a engravidar (sobretudo depois de terminarem o curso) e ao facto de muitos estudos revelarem que muitas mulheres

fumadoras continuam a fumar durante e após a gravidez (um terço segundo Valero e Oscar, 2002) o que pode ter riscos sérios para a gravidez e repercussões francamente negativas no feto. Está claramente demonstrado que a mãe fumadora tem um risco aumentado de padecer de gravidez ectópica, de ter abortos espontâneos, partos prematuros, placenta previa, hemorragias, rotura precoce de membranas e como consequência disso aumento da mortalidade perinatal. Por outro lado sabe-se que os bebés filhos de mães que fumaram durante a gravidez, assim como as crianças expostas ao fumo ambiental têm um risco significativo de morrer de morte súbita (GIDDING et al., 1994). Valero e Oscar admitem que 25% de todos os casos de morte súbita do lactante poderiam ser atribuído ao tabagismo passivo.

Para prevenir o consumo de tabaco (e não só) sugerimos que a Universidade passe a proporcionar aos alunos em geral e aos que frequentam cursos de formação de professores em particular, formação em Educação para a Saúde (EpS) através das vias actualmente mais consensuais para o fazer designadamente: infusão de temas de saúde em todas as cadeiras; através de uma disciplina de EpS (por exemplo de opção); através da "infusão" de temas de saúde em disciplinas de ciências (por exemplo biologia); através de acções extra-curriculares.

O ideal provavelmente será a adopção de uma combinação de todas estas estratégias. No presente a medida mais fácil de implementar a EpS na universidade seria a Infusão de temas de saúde em todo o currículo (qualquer disciplina pode e deve ligar os assuntos da sua disciplina à vida).

Pensamos ser necessário também que a Universidade crie uma consulta de apoio aos fumadores que pretendem abandonar o tabaco. Esta consulta seria francamente desejável e possível de implementar sobretudo nas Universidades que possuam cursos de medicina e psicologia, valências indispensáveis para abordar a problemática da cessação tabágica.

A criação de uma Universidade Livre do Fumo de Tabaco (ULFT) seria outra medida que para além de grande valor preventivo garantia a protecção da saúde dos não fumadores. Uma ULFT é um local em que os alunos, os professores, outros profissionais e visitantes poderiam fumar apenas em áreas expressamente destinadas a fumadores, que deveriam estar identificadas com os respectivos dísticos.

Bibliografia

BEÇOÑA, E. (1999). A prevenção de drogodependências em adolescentes. In Precioso, J., Viseu, F., Dourado, L., Vilaça, T., Henriques, R e Lacerda, T. (1999). *Educação para a Saúde*. Braga: Departamento de Metodologias da Educação. Universidade do Minho.

BEÇOÑA, E., PALOMARES, A. e GARCÍA, M^a (1994). *Tabaco y Salud: Guia de prevención y tratamiento del tabaquismo*. Madrid: Ediciones Pirámide, S.A..

BRANDÃO, M^a (2002) Atitudes, conhecimentos e hábitos tabágicos dos professores dos 2º e 3º ciclos do ensino básico do porto. Faculdade de Medicina e instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar - Universidade do Porto.

DEPS (1997). *Inquérito Nacional de Saúde – 1995/1996 Continente*. Lisboa: Ministério da Saúde.

GIDDING, S., MORGAN, W., PERRY, C. JONES, J. E BRICHER, T. (1994). Active and Passive Tobacco Exposure: a serious pediatric health problem. *American Heart Association*. <http://www.americanheart.org/Scientific/statements/1994/119401.html>

MENDOZA, R. (1999) Prevención del tabaquismo entre los jóvenes: un reto alcanzable. In Precioso, J., Viseu, F., Dourado, L., Vilaça, T., Henriques, R e Lacerda, T. (Coord.). *Educação para a Saúde*. Braga: Departamento de Metodologias da Educação. Universidade do Minho..

NUNES, E. (2002). Consumo de tabaco: Estratégias de Prevenção e Controlo. Lisboa: Cadernos da Direcção geral de Saúde.

NUTBEAM, D., MENDOZA, R. E NEWMAN, R. (1988). *Planning for a smoke – free generation*. Copenhagen: Regional Office for Europe of the World Health Organization.

VALERO, F. E OSCAR, C (2002) El tabaquismo passivo en la infancia. Nuevas evidencias. *Prevención del Tabaquismo*, Vol 4 nº 1 Enero Marzo, 2002.